

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA A COMPREENSÃO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

POSSIBLE CONTRIBUTIONS OF BEHAVIOR ANALYSIS TO UNDERSTANDING
DRUG ADDICTION

Lucas Santos de Souza¹
Yasmin Santos de Aquino¹
Aquicélio Antonio de Oliveira Junior¹
Pedro Guilherme Basso Machado²

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo identificar aspectos que pudessem contribuir na compreensão do fenômeno da dependência química por meio da Análise do Comportamento. O método de coleta de dados utilizado foi o de revisão de literatura, com finalidade descritiva e análise de dados qualitativa. A dependência química, entendida como um conjunto de comportamentos humanos e não apenas uma condição psicopatológica (como consta no DSM V), pode ser compreendida sob a perspectiva da Análise do Comportamento, que é uma abordagem psicológica que tem como objetivo compreender o indivíduo por meio de sua relação com o meio no qual está inserido, podendo assim prever e controlar determinados comportamentos. Por meio dos resultados encontrados, foi possível verificar aspectos biológicos (como a liberação do neurotransmissor dopamina) e psicossociais (como a facilitação para interação e estabelecimento de vínculos sociais) envolvidos no comportamento do dependente químico, tendo estas relações diretas e indiretas com o uso de substâncias, estando relacionados a processos de condicionamento social e individual frente a situações consideradas aversivas e/ou reforçadoras, aumentando assim sua probabilidade de ocorrência. Por meio do trabalho entre o indivíduo e o analista do comportamento, é possível desenvolver novos repertórios de comportamento, visando assim à redução de comportamentos não salutares e ampliação dos repertórios de enfrentamento para condições entendidas como direta ou indiretamente vinculadas à dependência. Como limitação, destaca-se que o presente trabalho não apresentou ênfase para os fatores biológicos, aspectos relacionados à prevenção ou fatores de risco para o desenvolvimento da dependência química. Sugere-se então maiores estudos em relação ao tema, com o objetivo de ampliar e incluir diferentes conceitos relevantes para a compreensão da dependência química. Contudo, constata-se que o objetivo do presente estudo foi atingido, pois foram descritas características para a compreensão da dependência química sob a perspectiva da Análise do Comportamento.

Descritores: dependência química; análise do comportamento; terapia comportamental; psicologia.

ABSTRACT

This article aimed to identify aspects that could contribute to the understanding of the phenomenon of drug addiction by using Behavioral Analysis. The data collection method used was a literature review, with descriptive aim and qualitative data analysis. Drug Addiction being understood as a set of human behaviors and not only as a psychopathological condition (as stated in the DSM V), can be understood

¹ Egressos do curso de Psicologia do Centro Universitário Autônomo do Brasil – UniBrasil. Endereço eletrônico para contato: mllgsouza@hotmail.com; yasmin_santoss@hotmail.com; ce.li.nho1@hotmail.com.

² Doutor em Psicologia da Saúde - Universidad Autónoma de Madrid - UAM. Doutorado Reconhecido no Brasil pela UFSC. Psicólogo - PUC-PR. Formação em Terapia Cognitivo-Comportamental - CETEC. Licenciatura em Psicologia e Pesquisa - UAM. Especialista em Educação - Formação Pedagógica do Professor Universitário - PUC-PR. Psicoterapeuta. Grupos de Estudos e Pesquisas: GEPEB E CIDES. Contato: pgbmachado@hotmail.com

from the perspective of the Behavioral Analysis, which is a psychological approach that aims to understand the individual through its relationship with the environment in which it is inserted, thus being able to predict and control certain behaviors. Through the results found it was possible to verify biological and psychosocial aspects involved in the behavior of the drug addicted, having direct and indirect relationships with the use of substances, being related to social and individual conditioning processes in face of situations considered aversive and/or reinforcing, thus increasing their likelihood of occurrence. Through the work between the individual and the behavior analyst it is possible to develop new behavior repertoires, thus aiming at reducing unhealthy behaviors and expanding the coping repertoires to conditions understood as directly or indirectly linked to dependence. As a limitation, it is noteworthy that the present study did not emphasize the biological factors related to chemical dependence, but this does not rule them out as influencing aspects of the studied behavior. Neither were aspects related to prevention or risk factors for its development. Further studies are therefore suggested in relation to the topic, with the objective of expanding and including different concepts relevant to the understanding of drug addiction. However, it was found that the objective of the present study was achieved, because characteristics were described for the understanding of drug addiction from the perspective of Behavior Analysis.

Descriptors: drug addiction; behavior analysis; behavioral therapy; psychology.

1. INTRODUÇÃO

A dependência química é um fator que vem tendo maior visibilidade no Brasil, apesar de sua existência e seu custo social não serem novidades. Ela tem sido entendida como uma importante expressão de diferentes questões sociais do país. No final de 2009, a JIFE³ divulgou um documento relatando o crescente uso abusivo de drogas ilícitas na América do Sul, enquanto no continente Europeu e na América do Norte se obteve uma redução. Neste documento, consta também que o Brasil ocupava o terceiro lugar no *ranking* mundial do consumo de drogas ilícitas, tendo inclusive a principal rota de tráfico internacional do hemisfério Sul.

Além do uso de drogas ilícitas, uma grande preocupação tem sido o uso abusivo de drogas lícitas, como o álcool. Segundo dados do Ministério da Saúde (2006), o consumo excessivo de álcool, no Distrito Federal e em capitais do país, tem tido maior prevalência nos jovens entre 15 e 24 anos, tendo sua maior concentração nas cidades de Porto Alegre, Fortaleza e Belo Horizonte. No ano de 2008, foram realizadas no Brasil 78.601 internações hospitalares por conta do uso abusivo e da dependência de álcool e outras drogas. Apenas no Rio Grande do Sul, obteve-se o registro de 8.542 internamentos, o que corresponde a 0,4% da população brasileira no ano referido ⁽¹⁾.

Cabe destacar que a dependência química é um fenômeno que possui vínculo direto com fatores sociais como, por exemplo, a pobreza, a desigualdade social e os demais problemas

³ Junta Internacional de Fiscalização a Entorpecente, órgão diretamente vinculado à Organização das Nações Unidas.

contemporâneos, não sendo estes as únicas causas deste fenômeno. As modificações, o progresso, os recursos a serviço do ser humano, as novas formas de miséria e de riqueza têm influência decisiva no problema da drogadição e na forma de compreendê-la e preveni-la. Deve-se compreender a dependência química como algo multicausal, já que é um fenômeno que sofre influência de fatores orgânicos, psíquicos, sociais e culturais.

A dependência química é uma doença crônica e progressiva, que envolve aspectos biológicos, psicológicos e sociais, tendo como principal característica comportamentos impulsivos e recorrentes de utilização de uma ou mais substâncias com o intuito de se alcançar o bem-estar e obter prazer, também aliviando sensações desconfortáveis como ansiedade, medo, entre outras ⁽²⁾. Ainda, o DSM⁴-IV considera a dependência química de forma geral, reunindo distintas substâncias em um único conjunto de critérios diagnósticos da psicopatologia. Porém, em sua última edição, o DSM-V (2014) apresenta seções diferentes para dependências relacionadas a diferentes tipos de substâncias, como *cannabis*, opióides, álcool, tabaco, entre outras. Sendo assim, cada substância apresentará um quadro geral de sintomas, os quais, em sua maioria, serão iguais para cada tipo de substância, tendo algumas diferenças por conta dos nuances de uso de cada uma. Sendo assim, os critérios para diagnóstico foram simplificados e generalizados da seguinte maneira:

Um padrão problemático de uso de substâncias, levando ao comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo, é manifestado por pelo menos dois dos seguintes critérios, ocorrido durante um período de 12 meses: 1. Tolerância, definida por qualquer um dos seguintes aspectos: – necessidade de quantidades progressivamente maiores da substância para atingir a intoxicação ou o efeito desejado; – acentuada redução do efeito com o uso continuado da mesma quantidade de substância. 2. Síndrome de abstinência, manifestada por qualquer um dos seguintes aspectos: – síndrome de abstinência característica para a substância; – a mesma substância (ou uma substância estreitamente relacionada) é consumida para aliviar ou evitar sintomas de abstinência. 3. Desejo persistente ou esforços malsucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso da substância. 4. A substância é frequentemente consumida em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido. 5. Muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção da substância, na utilização ou na recuperação de seus efeitos. 6. Problemas legais recorrentes relacionadas ao uso de substâncias. 7. Uso recorrente da substância, resultando no fracasso em desempenhar papéis importantes no trabalho, na escola ou em casa. 8. Uso continuado da substância, apesar de problemas sociais e interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados por seus efeitos. 9. Importantes atividades sociais, profissionais ou recreacionais são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso da substância. 10. Uso recorrente da substância em situações nas quais isso representa perigo para a integridade física. 11. O uso da substância é mantido apesar da consciência de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente, que tende a ser causado ou exacerbado por esse uso ⁽⁵⁻⁹⁻¹⁰⁾.

⁴ Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (traduzido).

Uma das formas de se analisar e tratar o fenômeno da dependência química é por meio da perspectiva da Análise do Comportamento (A.C.), a qual é compreendida como uma abordagem psicológica, que tem como objetivo a análise e compreensão dos comportamentos de indivíduos através de sua interação com o meio e as consequências geradas a partir de determinados padrões de resposta condicionados pelos comportamentos privados do indivíduo construídos na sua relação com os estímulos externos proporcionados pelo ambiente. O analista comportamental é um cientista que entende o comportamento humano como um processo de herança genética e relação ambiental, relação a qual se constrói ao longo da vida. Ele utiliza então um método científico para analisar os aspectos do comportamento humano, entendendo que os processos de mudanças comportamentais ocorrem por meio de suas consequências, mudanças às quais são um mecanismo de sobrevivência do organismo, com função de adaptar-se ao ambiente em que vive.

Sendo assim, o objetivo do presente trabalho foi o de identificar quais as possíveis contribuições, na perspectiva da Análise do Comportamento, para a compreensão da dependência química.

2. MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa construída com base em revisão de literatura. Utilizou-se análise qualitativa com finalidade descritiva. Foram revisados artigos publicados nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO); Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC); Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBi/USP); Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná (SIBi/UFPR); Repositório Institucional da PUCRS e o mecanismo de busca Google Acadêmico. A análise de dados foi feita de acordo com o referencial teórico da Análise do Comportamento e literatura sobre Dependência Química. Os descritores utilizados isoladamente e combinados entre si foram: *Dependência química, Análise do Comportamento, Mudança comportamental, Álcool e outras drogas e Terapia Comportamental*.

Como critério de inclusão para os resultados, selecionaram-se obras que abordassem Análise do Comportamento e/ ou Dependência Química e/ ou Terapia Comportamental, ou seja, literatura que abordasse aspectos e conceitos relevantes para a presente pesquisa. Os resultados foram submetidos à análise de conteúdo e organizados em eixos temáticos.

3. DESENVOLVIMENTO

Nesta seção, foram descritos os resultados obtidos a partir do presente estudo, sendo estes categorizados a partir de sua contribuição para a compreensão e tratamento do fenômeno da dependência química. Os resultados foram categorizados nos seguintes eixos temáticos: dependência química como comportamento operante e formas de tratamento da dependência química.

3.1 DEPENDÊNCIA QUÍMICA COMO COMPORTAMENTO OPERANTE

Na perspectiva da A.C., existe o conceito de Condicionamento Operante, que é uma forma de indivíduos lidarem com novas contingências no ambiente. Comportamentos como alimentar-se, hidratar-se, satisfazer necessidades sexuais e fuga a danos são essenciais para a sobrevivência do ser humano e de sua espécie, portanto, qualquer condição que os produza tem valor de sobrevivência, aumentando sua probabilidade de acontecer novamente.

Entende-se que um comportamento pode ser fortalecido por suas consequências, as quais são entendidas como reforçadoras. Então, quando um indivíduo faminto realiza o comportamento de alimentar-se e obtém consequências reforçadoras, a probabilidade que ele volte a repetir tal comportamento é maior. Porém, um comportamento pode também ser reforçado pela redução ou evitação de um estímulo considerado prejudicial ou aversivo, assim tende a ocorrer novamente em condições parecidas. O comportamento gerado por esse condicionamento de reforçadores frente a estímulos ambientais é entendido como comportamento operante. Este tipo de reforçamento é comum na dependência química, onde por exemplo, o uso das substâncias muitas vezes é feito para livrar-se de condições geradas pela falta da mesma e de sintomas de abstinência.

O comportamento operante é entendido como um ato que está sob o controle do ambiente. Sendo assim:

Consequências importantes do comportamento, que não poderiam desempenhar um papel na evolução porque não constituem traços suficientemente estáveis do meio, tornam-se eficazes, por intermédio do condicionamento operante, durante a vida do indivíduo, cujo poder de haver-se com o seu mundo é assim grandemente ampliado (6:38).

O comportamento é uma relação entre o indivíduo e o meio em forma de uma interação específica. A interação entre indivíduo e ambiente (denominado comportamento), em foco na psicologia comportamental, é uma atividade do organismo o qual o leva a um processo de

passagem de um ambiente que antecede esta atividade para outro que a sucede. Identificando então estes elementos e a maneira como interagem, faz-se possível trabalhar diretamente com o núcleo de determinado comportamento operante, como é o caso muitas vezes com o uso de substâncias.

Os eventos antecedentes e sucessores podem ser entendidos em relações causais, sendo estes também compreendidos como contingências, termo derivado do conceito de “Contingente”, que seria aquilo o que pode ser (ou acontecer), assim como pode também não ser (ou não acontecer). É algo circunstancial; portanto, uma contingência seria um estímulo do ambiente externo ou privado do indivíduo, o qual pode influenciar determinado comportamento a acontecer ou não. As contingências então que mantêm um comportamento operante não estão apenas no ambiente em que determinada resposta ocorre, mas elas se tornam parte da história do organismo, construindo-se na relação entre o indivíduo, o ambiente e suas consequências. Sendo assim, o ambiente pode afetar a probabilidade de determinada resposta vir a ocorrer, mas não é o único fator determinante na execução do comportamento do indivíduo.

As pessoas agem então para que algo venha a ocorrer, ou seja, seu comportamento é dotado de uma expectativa condicionada anteriormente no seu histórico de reforçamento, porém nem todas as consequências dos comportamentos são reforçadoras e, grande parte das que são, dependem de contingências externas. Numa perspectiva então em que o prazer é um subproduto de reforço operante, as consequências que dão prazer às pessoas são as consequências que as reforçam, sendo assim, são as próprias consequências, não os sentimentos, que devem ser identificadas e utilizadas na previsão, controle e interpretação de determinados comportamentos. A busca por reforçadores é então um comportamento específico que foi reforçado pela obtenção ou perda de algo, sendo assim, nesta perspectiva, o comportamento só se torna operante após o reforço.

Um dos processos naturais da organização dos comportamentos de um indivíduo é a generalização de estímulos operantes, em que uma resposta é emitida na presença de novos estímulos, os quais possuem alguma semelhança com um estímulo já reforçado no passado. A generalização de estímulos é um processo importante porque permite que novas respostas sejam aprendidas de forma muito mais rápida, não precisando que um comportamento seja modelado novamente na presença de cada novo estímulo. A generalização dos estímulos se dá tanto por sua similaridade física quando por sua similaridade funcional. O processo de generalização é comum na dependência química, onde o indivíduo passa a adotar o comportamento de uso de substância(s) como resposta para diferentes estímulos, como por exemplo para evitar o

sofrimento e/ ou obter prazer. Sendo assim, independentemente do estímulo original que proporcionou o sofrimento, o indivíduo, condicionado por diferentes reforçadores previamente experienciados, terá uma maior probabilidade de adotar como resposta para tal estímulo o uso de substância(s).

Dentro de uma concepção científica histórica, os transtornos mentais e outras disfunções consideradas como patológicas por alguns pesquisadores e manuais de transtornos mentais foram rotulados e categorizados, estabelecendo assim uma visão generalista e objetivista das patologias, fugindo da condição e percepção subjetiva ontológica específica de cada sujeito que possui determinado diagnóstico. Tais condições do indivíduo podem ser compreendidas por meio da análise de suas práticas e comportamentos, sendo estes consequências e frutos da interação de seu meio e seu histórico de reforçamento.

Ao estigmatizar um indivíduo com um diagnóstico e este o assume como um transtorno natural e verdadeiro, não relacionado a uma doença de etiologia orgânica ou social, pode ocorrer de o mesmo esquivar-se de entrar em contato com as reais contingências causais e mantenedoras de seus comportamentos, agravando assim o padrão de comportamento considerado “psicopatológico”. Portanto, o modelo da análise do comportamento tem o seu foco de trabalho voltado para a funcionalidade dos comportamentos ditos psicopatológicos, apresentando um modelo de ciência relacional e externalista, tendo como modelo de pesquisa o sujeito considerado como único.

A análise do comportamento vai de encontro com a concepção de transtorno utilizado por manuais classificatórios, na qual encontram-se divergências em relação aos princípios analítico-comportamentais. Uma dessas divergências se faz presente no fato que o termo “transtorno” traz consigo uma conotação de desadaptabilidade, ou seja, de que algo está fora do normal. Ideia a qual entra em confronto com a concepção do modelo de seleção pelas consequências, pois a A.C. entende que os comportamentos, sejam eles considerados funcionais, disfuncionais, típicos, atípicos ou psicopatológicos, são derivados de três níveis de seleção:

O comportamento humano é o produto de a) contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies, e b) contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por seus membros, incluindo c) contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído ⁽¹²⁾.

Sendo assim, o comportamento é derivado de aspectos biopsicossociais, relacionados a sua filogênese, ontogênese e cultura, entendendo-o como um produto destes três níveis e da interação entre eles. Todo comportamento teve ou tem uma função adaptativa dentro das

contingências em que foi aprendido e mantido. Portanto, independente da atipicidade ou da quantidade de sofrimento que possa gerar, entende-se que o comportamento foi instalado e é mantido pois produz consequências reforçadoras para quem o emite.

A A.C. entende que as variáveis orgânicas fazem parte da constituição do homem e de seu comportamento, porém rejeita a ideia de que são essas as variáveis as quais são causas dos comportamentos, vale salientar que ao não atribuir função causal as variáveis orgânicas, não significa que descarte sua existência ou influência no comportamento humano. Pois

Por adotar uma noção de causalidade relacional e externalista, a análise do comportamento rejeita a concepção internalista de que os transtornos psicopatológicos causam comportamentos. Para tal Ciência, os transtornos psicopatológicos são na verdade, uma composição de padrões comportamentais instalados e mantidos através de relações funcionais e de aprendizagem estabelecidas entre o organismo e seu ambiente. Logo, para compreender estes padrões faz-se necessário olhar para as variáveis ambientais mantenedoras dos mesmos, de modo que buscar as causas destes, dentro do organismo só irá nos afastar de suas verdadeiras causas, já que todo tipo de explicação tira o foco dos cientistas das reais variáveis de controle do comportamento a ser estudado ^(11:6).

A dependência química, sendo entendida então como um conjunto de comportamentos operantes reforçados historicamente, é passível de análise sob a ótica da A.C., assim o analista irá investigar as relações funcionais existentes entre as ações do indivíduo e seu ambiente, utilizando-se do procedimento conhecido como Análise Funcional, sendo este um mecanismo básico de trabalho para o analista do comportamento. O analista irá então identificar o comportamento queixa (neste caso, comportamentos relacionados à dependência química) e qual sua função para o indivíduo e dentro do seu ambiente, estabelecendo assim relações entre o momento em que a resposta foi emitida, a própria resposta e as consequências produzidas pela mesma. Através do esclarecimento destas variáveis, o analista do comportamento é capaz de traçar um panorama do comportamento queixa do indivíduo, identificando aspectos mantenedores que exercem controle sobre o mesmo, assim podendo desenvolver mecanismos de intervenção assertivos.

Entende-se que os seres humanos exercem então seus comportamentos com o intuito de obter consequências reforçadoras, sendo estas entendidas como prazerosas, de bem-estar ou de aceitação social; portanto, qualquer movimento que as proporcione possui uma maior probabilidade de ser repetido. Percebe-se aqui, então, uma hipótese sobre um dos motivos de muitos indivíduos exercerem o comportamento de usar drogas e/ou tornarem-se dependentes, pois o uso de determinada substância e sua consequente ação no sistema nervoso promovem no indivíduo sensações de prazer reforçadoras, ainda que momentâneas.

Os comportamentos relacionados à dependência química envolvem aspectos biológicos, psicológicos e sociais, anteriormente citados, os quais devem ser compreendidos ao se realizar uma análise funcional, para que assim seja possível identificar os aspectos mantenedores e elaborar uma intervenção eficaz que promova alterações salutareas nestes três aspectos. Os aspectos biológicos relacionados ao comportamento do dependente químico têm relação direta com o sistema de recompensa cerebral responsável pela liberação do neurotransmissor dopamina, substância a qual está diretamente conectada com a sensação de prazer, tendo sua liberação tanto de forma natural quanto pelo uso de substâncias. Este aspecto auxilia na compreensão de parte do processo cerebral envolvido no uso de substâncias. Cabe ao terapeuta analítico-comportamental identificar e promover a ampliação do repertório pessoal do indivíduo em relação ao prazer biológico, proporcionando situações em que o mesmo possa experienciar a sensação de prazer sem fazer o uso da substância, podendo realizar a substituição de comportamentos não salutareas funcionais por outros os quais sejam considerados reforçadores para o indivíduo, mesmo que em menor magnitude.

Os aspectos psicológicos estão relacionados à sensação de bem-estar promovida no indivíduo, sendo assim o uso de drogas pode estar relacionado, entre outros fatores, ao alívio de tensões emocionais ou preocupações pessoais. Nesta perspectiva, o uso da substância proporciona, entre outros aspectos, um amortecimento da vivência de seus problemas emocionais, mantendo-o assim alheio de determinadas dificuldades que teria de enfrentar no seu cotidiano. Tem-se como exemplo sensações de ansiedade, em que para minimizar os sentimentos e pensamentos aversivos, o indivíduo ingere uma determinada substância, fazendo com que a dependência química se instale progressivamente. Nesta perspectiva, cabe ao analista do comportamento então propiciar uma ampliação do repertório de enfrentamento do indivíduo, identificando quais fatores de sua vida cotidiana são considerados de risco e que o levam ao comportamento da drogadição e da dependência, analisando também qual o repertório já instalado no indivíduo, identificando assim possíveis padrões de comportamento e os estímulos aos quais estão condicionados, percebendo assim a função do comportamento associado ao uso de drogas e quais consequências são geradas a partir dele.

Para que se possa entender como e quais aspectos sociais estão envolvidos nos comportamentos associados à dependência química, é necessário também compreender o contexto social em que o indivíduo se encontra. Dentro da realidade da sociedade brasileira atual, observa-se um contexto de disponibilidade e fácil acesso a substâncias psicotrópicas, tanto ilícitas quanto lícitas, facilitando o acesso tanto de adultos quanto de jovens e

adolescentes. Por vezes, tem-se ainda pouco controle governamental sobre a comercialização das mesmas, mais especificamente o álcool. Assim, esses fatores mantêm relação direta com a carência de suporte social adequado para camadas menos favorecidas da população, especialmente nos quesitos de educação, saúde e empregabilidade.

Existem ainda fatores psicossociais relacionados ao uso de substâncias que podem ser entendidos como reforçadores do comportamento de drogadição, como, por exemplo, a possível facilitação para interação e estabelecimento de vínculos sociais, no qual a confiança é fortalecida e as defesas pessoais são entendidas como disfuncionais para o convívio social, reduzidas. Em muitas sociedades, a intoxicação é um processo social aceitável, sendo considerado por muitas como uma espécie de ritual social que permite que os usuários utilizem substâncias psicoativas, em determinadas circunstâncias, como algo aceitável. Estes fatores têm grande influência entre membros de determinados grupos sociais, servindo como um meio de identificação e integração ao grupo.

Observando então os aspectos mantenedores dos comportamentos relacionados à dependência química no indivíduo, é possível elaborar propostas de intervenção para tratamento do mesmo.

3.2 POSSÍVEIS FORMAS DE TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Referente ao modelo terapêutico analítico-comportamental, para se tratar aspectos sociais e psicossociais envolvidos no comportamento da dependência química, o terapeuta pode utilizar da análise funcional, já citada anteriormente, de comportamentos clinicamente relevantes, porém também entendendo as consequências e funções não só no indivíduo, mas também no seu meio externo que modifica e é modificado pelos comportamentos do mesmo. Para que se possa estruturar uma análise mais acurada e fidedigna da realidade observada, o terapeuta comportamental pode utilizar-se de modelos de intervenção para atingir objetivos terapêuticos.

Os modelos de intervenção selecionados pela presente pesquisa foram o Modelo Transteórico de Mudança Comportamental (MTT) e a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP).

O MTT foi desenvolvido por James Prochaska em 1979, e teve como objetivo unir conhecimentos de diversas áreas da pesquisa científica com o intuito de identificar com maior clareza os aspectos relacionados ao processo de motivação para mudança comportamental de indivíduos, unindo conhecimentos das teorias comportamental, cognitivo-comportamental,

existencial/humanista, psicanálise e *gestalt*/experencial, por isso a denominação de transteórico. Tem como enfoque então o processo de mudança dos comportamentos-problema e busca de um maior repertório de comportamentos salutareos. Este modelo de intervenção parte da premissa de que a mudança comportamental ocorre ao longo de um processo no qual os indivíduos passam por diversos níveis de motivação para mudança, identificando em qual estágio o indivíduo se encontra é possível estimar quando irão ocorrer mudanças e o nível de aptidão para mudança em relação a possíveis estratégias de intervenção adotadas.

Em pesquisa realizada com usuários de crack em Pernambuco, foi percebido na narrativa deles a importância da decisão e de disposição para a mudança. Inclusive, para os participantes da pesquisa, não importa a abordagem ou o modelo terapêutico se não houver desejo pela mudança. Caracteriza-se assim a motivação e a força de vontade como fatores essenciais para todas as fases do tratamento.

Os estágios de motivação para mudança são categorizados em 5 diferentes momentos: a pré-contemplação, contemplação, preparação, ação e manutenção. Cada um desses estágios irá apresentar características mais ou menos prováveis de prontidão para mudança e para tratamento, também identificando possíveis características de comportamentos externos e privados apresentados pelo indivíduo, podendo assim o terapeuta elaborar estratégias para progressão entre os níveis de motivação apresentados, com o objetivo de se chegar até o estágio da manutenção, e de intervenção em relação aos comportamentos problemas que podem estar relacionados à dependência química.

Dentro do MTT, existe um outro conceito que se mostra de grande relevância para sua compreensão e aplicação, o conceito de prontidão. A prontidão não deve ser definida como um posicionamento entre um estágio ou outro, mas sim como uma vontade de aderir a um processo de mudança pessoal, “representando uma mudança paradigmática em relação ao comportamento-problema e o estabelecimento de um foco na motivação”^(10:7). Existe ainda dois aspectos distintos relacionados à prontidão: a prontidão para mudança e a prontidão para tratamento. A prontidão para mudança é entendida como uma conscientização do indivíduo em relação à sua condição considerada problemática e o fortalecimento da sua confiança em suas capacidades pessoais para mudança; enquanto a prontidão para tratamento focaliza a motivação do indivíduo para procurar ajuda, iniciar, manter e finalizar um tratamento. Estes conceitos se mostram muito relevantes, pois um indivíduo dependente químico pode procurar ajuda e iniciar tratamento (alta prontidão para tratamento) sem estar pronto para permanecer em abstinência (baixa prontidão para mudança).

Diferentes estudos têm comprovado a utilidade proporcionada pelo MTT em centros de tratamento para dependência química. Com sua utilização, torna-se possível prever com maior fidedignidade a motivação pessoal de cada indivíduo, percebendo com mais clareza a probabilidade de adesão e de abandono do tratamento de cada um. Quando utilizado em conjunto com a teoria da Análise do Comportamento, é possível identificar aspectos ambientais mantenedores do comportamento-problema, analisando assim o nível de motivação e prontidão para tratamento e mudança, podendo elaborar estratégias de intervenção específicas para o estágio do tratamento em que se encontra o indivíduo.

Outro modelo de intervenção é a da Psicoterapia Analítico Funcional (FAP), desenvolvida por Kohlenberg e Tsai no início dos anos 90, que faz uso dos princípios metodológicos do Behaviorismo Radical, atuando no contexto clínico com maior ênfase na relação terapêutica e nos comportamentos que ocorrem no *setting* terapêutico. Neste processo, as relações estabelecidas entre o terapeuta e o cliente são variáveis determinantes para a detecção dos comportamentos problema e a promoção de sua possível mudança, e cabe destacar que a relação terapêutica é vista como um instrumento de mudança comportamental. A FAP preconiza que o terapeuta conduza uma relação genuína e sensível estabelecendo uma audiência não punitiva. Assim, o comportamento até então reprimido pode acabar por surgir durante a sessão, então as respostas e reações emitidas pelo terapeuta irão assumir um papel fundamental na manutenção e amplificação da exposição deste repertório por parte do indivíduo. Sendo assim, o indivíduo, ao expor seus problemas e sentimentos no *setting* terapêutico, estaria emitindo comportamentos altamente vulneráveis à punição em suas relações interpessoais, nos quais sua relação com o terapeuta e as reações e respostas dele se mostram de fundamental importância para manutenção de seu processo terapêutico e modelagem de determinados comportamentos contingentes aos objetivos terapêuticos durante o processo psicoterápico. Tem-se como possíveis consequências dessa relação a generalização de comportamentos e mudanças salutaras e a redução ou desaparecimento de alguns fatores como sentimentos de culpa, angústia, rigidez, entre outros. Ao se falar sobre o uso de substâncias psicoativas em *setting* terapêutico, pode-se emitir e controlar reações emocionais tanto do terapeuta quanto do paciente, promovendo ressignificações salutaras relacionadas ao uso. Atua-se assim direta e indiretamente em aspectos compreendidos como reforçadores para a busca e utilização de substâncias.

A dependência química gera a construção de um repertório de comportamento que ocorre em alta frequência parcialmente devido a um déficit no repertório dos indivíduos

relacionado à produção de reforçadores positivos e negativos, que poderiam vir a substituir os gerados pelo uso de substâncias. Sendo assim, o objetivo da intervenção terapêutica na FAP consiste em promover a construção de comportamentos que produzam reforçadores positivos sociais e não sociais alternativos relacionados às demandas clínicas, pois as dificuldades que os indivíduos apresentam em suas relações interpessoais em sua vida cotidiana que diminuem seu acesso a reforçadores afetivos e sociais podem se generalizar para a relação terapêutica, possibilitando ao profissional observar e intervir nestes comportamentos quando emitidos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dependência química sob a perspectiva da Análise do Comportamento pode ser entendida então como um conjunto de comportamentos e características derivado das relações do indivíduo com o ambiente privado e externo, podendo ter distintas funções, sendo estas estabelecidas e condicionadas pelo próprio indivíduo em relação às contingências presentes no momento das respostas de usar determinada substância. A A.C. entende o indivíduo então como singular, e por isso deve realizar uma análise específica de cada indivíduo, focada não apenas nos comportamentos apresentados, mas em seus antecedentes e nas possíveis consequências reforçadoras de determinado comportamento problema, para assim elaborar estratégias de intervenção adequadas para cada caso e indivíduo. Isto, levando em consideração a necessidade de se trabalhar com os aspectos biológicos (ex. sistema de recompensamento neural), sociais (ex. contextos sociais), psicológicos (ex. repertório de enfrentamento) e psicossociais (ex. reforçadores do uso estabelecidos pela relação com o meio) em conjunto, condicionando o indivíduo para comportamentos salutareos.

Cabe destacar que uma das limitações presentes no trabalho é o uso específico de literatura na língua portuguesa. Também não apresentou ênfase em diferentes modalidades de tratamento como, por exemplo, ambulatorial e internamento, com estratégias individuais ou em grupo, assim como estratégias diretas ou indiretas. Ainda não foi contemplado o fator da dificuldade de diagnóstico, tampouco os fatores biológicos relacionados à dependência química, mas isso não os descarta como aspectos influenciadores do comportamento estudado e os comportamentos respondentes desenvolvidos pelo padrão de uso das substâncias. Não foram abordadas também questões relacionadas à prevenção do desenvolvimento da dependência química, sugerindo assim futuros estudos relacionados às temáticas apresentadas.

Contudo, o objetivo da análise do comportamento não é ter como foco a doença em si, mas sim a relação entre o organismo e o ambiente e as possíveis consequências e funções desta relação.

Sugere-se também maior aprofundamento e estudos relacionados aos eixos temáticos apresentados no presente estudo, assim como investigação e análise de outros aspectos que podem estar relacionados à dependência química e a Análise do Comportamento. Cabe destacar que a dependência química corresponde não apenas ao consumo de drogas, mas também de um encontro do indivíduo com seus ideais, crenças e valores; desta forma, a droga inserida num determinado contexto sociocultural pode estigmatizar, rotular e aprisionar o indivíduo no papel do dependente químico, o que dificulta sua auto percepção e motivação para mudança comportamental - aspecto que denota, entre outros fatores, a importância do estudo do tema.

Desta forma, a teoria da Análise do Comportamento pode proporcionar mecanismos e ferramentas de percepção e mudança comportamental, analisando os principais fatores mantenedores, assim como as contingências reforçadoras de respostas condicionadas funcionais não salutares para o desenvolvimento da doença. Conclui-se então que o objetivo proposto pelo presente estudo foi parcialmente atingido, de forma que foram descritas algumas das possíveis contribuições da Análise do Comportamento para a compreensão do fenômeno da dependência química.

5. REFERÊNCIAS

- [1] Prates, J. C.; Santos, A. M.; Scherer, P. T.; Azevedo, V. O enfrentamento a dependência química: a visão dos gestores sobre as alternativas ofertadas na região metropolitana de Porto Alegre. **IV Seminário de Política Social no MERCOSUL – Crise Mundial e Impactos nas Políticas Sociais no Sul da América Latina**. Mestrado em Política Social –Universidade Católica de Pelotas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9429/2/UCPEL_O_enfrentamento_a_dependencia_quimica_a_visao_dos_gestores_sobre_as_alternativas_ofertadas_na_Regiao.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2018
- [2] Nunes, D. C; Santos, L. M. B.; Fischer, M. F. B.; Guntzel, P. “...Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas...”. (Orgs). Loiva Maria De Boni SANTOS. **Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas**. Porto Alegre: Ideograf. Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2010. p. 15-26.
- [3] Maciel, S.V.; Silva, F. F.; Pereira, C. A.; Dias, C. C. V.; Alexandre, T. M. O. Cuidadoras de Dependentes Químicos: um estudo sobre a sobrecarga familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.34, e34416, p.1-10, 2018. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v34/1806-3446-ptp-34-e34416.pdf> > Acessado em 05 de setembro de 2019

- [4] *American Psychiatric Association. DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.* Porto Alegre: Artmed, 2014
- [5] Ferri, C. P.; Galduróz, J. C. F. **CrITÉrios diagnÓsticos CID-10 e DSM-V.** 2017. Disponível em <<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-094920-001.pdf>>. Acesso em: 25 de outubro 2018.
- [6] Skinner, B.F. **Sobre o Behaviorismo.** Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Editora pensamento, 2006
- [7] Botomé, S. P. O conceito de comportamento operante como problema. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 9, n. 1, p.19-46, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/2130/2433>> Acessado em 15 de outubro de 2018.
- [8] Moreira, M. B.; Medeiros, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento.** Porto Alegre: Artmed, 2007.
- [9] Todorov, J. C. Sobre uma definição de comportamento. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v.3, n.1, p.32-37, 2012. Disponível em: <<https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/79/69>> Acessado em 29 de outubro de 2018.
- [10] Szupszynski, K. P. D. R.; Oliveira, M. S. O Modelo Transteórico no tratamento da dependência química. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.10, n. 1, p.162-173, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100012> Acessado em 15 de outubro de 2018.
- [11] Prado, R. C. P. Uma leitura Analítico-Comportamental da psicopatologia. **Scientia**, v.1, n. 2, p.192-395, 2013. Disponível em: <http://www.faculdade.flucianofeijao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/2/Psicologia/Uma_Leitura_Analitico_Comportamental_da_Psicopatologia.pdf> Acessado em 29 de outubro de 2018.
- [12] Skinner, B. F. Seleção pelas conseqüências. **Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.9, n. 1, p. 129-137, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000100010> Acessado em 18 de setembro de 2018.
- [13] Fontes, M. A. **O que é a Dependência Química? Tipos de drogas, efeitos e tratamentos.** CEMP, 2014. Disponível em <http://www.cemp.com.br/arquivos/98752_66.pdf>. Acessado em: 25 de outubro de 2018.
- [14] Xavier, R. T. Monteiro, J. K. Tratamento de pacientes usuários de crack e outras drogas nos CAPS AD. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 22, n.1, p.61-82, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/16658>> Acessado em 25 de outubro de 2018.
- [15] Almeida, R.B.F.; Santos, N.T.V.; Brito, A.M.; Silva, K.S.B.; Nappo, S.A. O tratamento da dependência na perspectiva das pessoas que fazem uso de crack. **Interface (Botucatu)**, v.22,

n. 66, p.745-56, 2018. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v22n66/1807-5762-icse-22-66-0745.pdf> > Acessado em 05 de setembro de 2019.

[16] Geremias, M. C. G. **Manejo de esquivas emocionais na Psicoterapia Analítica Funcional:** delineamento experimental de caso único. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-17032015-150030/pt-br.php>> Acessado: em 20 de outubro de 2018.

[17] Aranha, A. S.; Oshiro, C. K. B. Contribuições da Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) no tratamento do Transtorno por Uso de Substâncias (TUS). **Acta Comportamentalia**. 2018. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Alan_Aranha3/publication/327903345_Contribuicoes_da_Psicoterapia_Analitica_Funcional_FAP_no_tratamento_do_Transtorno_por_Uso_de_Substancias_TUS/links/5bac35d3a6fdccd3cb7677bf/Contribuicoes-da-Psicoterapia-Analitica-Funcional-FAP-no-tratamento-do-Transtorno-por-Uso-de-Substancias-TUS.pdf>. Acessado em: 09 de novembro de 2018.

[18] Lima, A. F. **A dependência de drogas como um problema da identidade:** Possibilidades de apresentação do “Eu” por meio da oficina terapêutica de teatro. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

Recebido em 07/08/2019
Aprovado em 06/09/2019
Received in 08/07/2019
Approved in 09/06/2019